

## PAISAGEM CULTURAL E ENOTURISMO: Aportes para o roteiro Vale dos Vinhedos (RS)

Pablo Cesar UEZ<sup>1</sup>  
Pedro de Alcântara Bittencourt CÉSAR<sup>2</sup>  
Regina Maria Matos VIANNA<sup>3</sup>

**Resumo:** Aborda-se a paisagem cultural do Vale dos Vinhedos, roteiro de enoturismo situado nas zonas rurais dos municípios de Bento Gonçalves (RS), Monte Belo do Sul (RS) e Garibaldi (RS), municípios situados na Serra Gaúcha. Desta maneira, tem-se o objetivo de iniciar uma compreensão dos valores paisagísticos formadores, além de identificar eventuais impactos da atividade turística. Desenvolve-se a pesquisa por uma abordagem histórico-genética, baseando-se nas observações das suas horizontalidades e verticalidades encontradas. Realiza-se como procedimento metodológico, levantamento cartográfico, estudo de fotografias de diversas épocas, entrevistas e análise de referenciais teóricos. Enfatiza-se a elaboração da paisagem como recurso e atrativo para a visitação turística. Assim, destacam-se seus valores corporativos e memoriais, referenciando os seus moradores, os com vínculos familiares e os profissionais da área. Assim sendo, propõe-se uma reflexão acerca das oportunidades e desafios colocados em relação ao planejamento para um turismo sustentável da localidade, tendo a paisagem cultural como elemento balizador da análise.

**Palavras-chave:** Paisagem Cultural. Enoturismo. Vale dos Vinhedos.

### Introdução

O cultivo da uva e a vinificação descortinam desafios no meio rural, além de demandar a necessidade de uma visão crítica para o seu planejamento territorial. Neste processo, devem-se incorporar signos materiais representativos da cultura desta produção da migração italiana, manifestada e materializada nas edificações arquitetônicas, nos artefatos e equipamentos, bem como nos patrimônios imateriais caracterizados pelas memórias, celebrações, usos e costumes dos moradores locais. A esses, somam às características do meio físico, que constituem rico acervo para o desenvolvimento de estudos visando à compreensão de tais elementos, em uma proposta de viabilização da atividade de enoturismo.

Engendra-se o enoturismo a outras práticas nas áreas rurais. Na abordagem do turismo rural Graziano da Silva (1999), Tulik (2003), Schneider (2006) e Santos (2004), entre outros

---

<sup>1</sup> Arquiteto e urbanista (UCS) e mestrando em Turismo (UCS). Email. [pablouez@gmail.com](mailto:pablouez@gmail.com)

<sup>2</sup> Arquiteto e urbanista (Unitau) e Doutor em Geografia (DG-FFLCH-USP). Professor Adjunto do Centro de Artes e Arquitetura e do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Email. [pabcesar@ucs.br](mailto:pabcesar@ucs.br)

<sup>3</sup> Bacharel em Turismo (UFPA) e mestrando em Turismo (UCS). Email. [retur\\_20@hotmail.com](mailto:retur_20@hotmail.com)

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

pesquisadores, reforçam a crescente diversidade produtiva nestes locais. Nestas áreas uma nova concepção da ruralidade tem sido observada nas práticas encontradas. Assim há uma integração entre o homem e o ambiente, por intermédio de usos múltiplos, de caráter produtivo, social, lúdico, ambiental, entre outras possibilidades. Neste panorama, normalmente, as relações entre as dinâmicas das comunidades rurais locais e as atividades turísticas são valores que estão incentivando seu crescimento (SCHNEIDER, 2006). Desta maneira, destaca-se neste contexto um novo rural, entre outras tendências. Neste panorama, valorizam-se as paisagens e os territórios, além do interesse marcante na preservação ambiental (BESSIÉRE, 1998; SCHNEIDER, 2006).

Nesta pesquisa, enfatiza-se a necessidade de compreender os processos históricos de ocupação territorial (RODRIGUES, 2001, p.103). Assim, tornam-se importante estudar as estrutura fundiária e suas características paisagísticas resultantes, agregadas às estruturas agrárias. Destacam-se também: a relação entre o ambiente e a produção de trabalho, as atividades econômicas atuais, os tipos de empreendimentos e a inserção da atividade turística. Analisam-se, algumas especificidades do desenvolvimento do turismo no Vale dos Vinhedos, no que se refere à transformação na sua paisagem cultural.

## **Métodos e Procedimentos metodológicos**

A orientação escolhida para direcionar esta pesquisa é o método Histórico Genético. Este se mostrou mais apropriado para esta abordagem, principalmente ao trabalhar o objeto não como estático e acabado, mas em constante transformação e movimento.

Ao focar mais atentamente o Vale dos Vinhedos, depara-se com o que Lefebvre (1986) denomina como a dupla complexidade da realidade camponesa. Esta dupla complexidade, de que trata o autor, é dividida em Complexidade Horizontal e Vertical. A primeira diz respeito às formações e estruturações agrárias, de uma mesma época histórica, onde se manifestam diferenças essenciais que chegam ao antagonismo. Pode-se tomar como exemplo desta complexidade a figura do produtor agrário capitalista, que, sendo possuidor de ferramentas e técnicas aperfeiçoadas para o trabalho com a terra, pode passar praticamente a maior parte do tempo na cidade, e retorna ao campo somente em períodos específicos. O trabalho agrário é executado com mão de obra sazonal. A Complexidade Vertical ou Histórica propicia “à observação e à análise, a coexistência de formações de épocas e datas diferentes.” (LEFEBVRE, 1986, p. 166). Nela, trabalha-se com inúmeras questões que se justapõem, e desencadeiam, entre o ultramoderno e o arcaico, dentro de um território.

As análises são conduzidas a partir de referenciais diversos das Ciências Sociais. Refletem-se acerca das transformações espaciais que caracterizam os roteiros culturais como locais

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

privilegiados para um reconhecimento das práticas turísticas culturais. Assim, têm-se objetos e sujeitos constituídos. Entretanto:

[...]necessitamos de um mundo imaginário para descobrir os traços do mundo real que supomos habitar (e que talvez, em realidade não passe de outro mundo imaginário). A primeira fase da crítica que dirigiremos contra os conceitos e processos comuns, o primeiro passo na crítica aos ‘fatos’ há de consistir, portanto, em uma tentativa de romper o círculo vicioso (FEYERABEND, 1977, p.42-3).

Afinal, as mudanças científicas definem-se por contraste com o estabelecido. Embora se adotem conceitos e teorias recorrentes ao Turismo, a Geografia e ao Planejamento Urbano, sabe-se que “nenhuma teoria está em concordância com todos os *fatos* de seu domínio, circunstância nem sempre imputável à teoria” (FEYERABEND, 1977, p.77). Afinal, sem ‘caos’ não há conhecimento.

Temos, portanto, de concluir que, mesmo no campo da ciência, não se pode permitir que a razão seja exclusiva, devendo ela, freqüentes vezes, ser posta de parte ou eliminada em prol de outras entidades. Não há uma só regra que seja válida em todas as circunstâncias, nem uma instância a que se possa válida em todas as situações (FEYERABEND, 1977, p.279).

A desarticulação justifica-se por seu caráter ontológico. Afinal, envolvem-se campos disciplinares nem sempre bem articulados e em formação.

Adota-se na pesquisa, como estratégia sistemática e empírica, compreender as apropriações espaciais por um contexto social abrangente (LOCKE *et all*, 1993). Assim, reforça-se o caráter qualitativo que, para King (1995), é mais apropriada para os casos em que o estudo focaliza os significados de um fenômeno particular para os participantes. Deve-se considerar que, na pesquisa qualitativa, as questões iniciais frequentemente vêm da observação do mundo, seus dilemas e questionamentos e emergem da experiência direta do pesquisador, das teorias com as quais estão envolvidas e de seus interesses acadêmicos (MARSHALL & ROSSMAN, 1995).

Na construção teórica parte-se do estudo de objetos espaciais. Analisa-se um roteiro rural de visitação turística que apresenta sua atividade baseada nas referências memoriais da migração italiana no final do século XIX. Espera-se que o entendimento como contexto total e seus significados sejam objetivos nesta análise. Compreendem-se os fenômenos a partir da visão das transformações no território, fornecendo a possibilidade de obtenção de dados sobre as experiências individuais e pessoais daqueles que se apropriam desse espaço.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

## **Desenvolvimento rural e enoturismo – algumas questões conceituais**

Caracteriza-se o turismo por uma relação complexa e dinâmica de organização territorial. A produção do espaço, com essa atividade, concretiza-se pela interação contínua entre as relações sociais e ambientais e suas configurações no local (SANTOS, 1994).

A atividade turística, como qualquer atividade, resulta em transformações ao meio. Essas mudanças podem ser mensuradas em forma de impactos, positivos ou negativos. Assim, Butler e Hall (1999), Las Heras (1999), Eagles, McCool e Haynes, (2002) os classificam em três categorias: econômicas, socioculturais e ambientais. Neste entendimento, Santos e Campos (2003) pontuam que os eixos básicos do desenvolvimento turístico sustentável – a equidade social, a eficiência econômica e a conservação ambiental – devem ser concebidos como metas dos processos contínuos de mudanças que orientem a participação da população na busca de formas adaptáveis às realidades locais. Outra questão colocada refere-se à concentração de benefícios sociais, espacialmente em certos territórios, em detrimento de outras áreas.

Nota-se um grande hiato na produção agrícola tradicional e a prática do enoturismo. Na visitação, a produção de uva e vinho do Vale dos Vinhedos é retratada por uma história de façanhas mitológicas do imigrante italiano. Situação que distancia da lógica espacial recorrente do turismo rural. Assim, as representações do cotidiano dão vez às novas reelaborações simbólicas no enoturismo.

Interessante ressaltar que um dos pontos que emergem na pesquisa refere-se a caracterização do rural e conseqüentemente da atividade de turismo rural. Segundo Ferrão (2000), historicamente, a zona rural era aquela que se dedicava essencialmente a atividade agropecuária. Caracterizavam-se pela baixa densidade populacional e era tida como uma categoria residual frente ao processo de urbanização, ao ser tratada como oposta ao meio urbano. Nas últimas décadas, observam-se mudanças significativas no meio rural, essas áreas deixaram de ser exclusivamente agrícola para se tornarem uma mescla de atividades produtivas e de serviços das mais diferentes naturezas (CAMPANHOLA; SILVA, 2000).

De acordo com Ferrão (2000), assiste-se na década de 1980 à invenção social de uma nova realidade: desenvolve-se um mundo rural não agrícola. Para o autor, esta perspectiva introduz elementos novos no modo de compreender o rural, e o urbano, em si, e na maneira como se relacionam. Entretanto, Schneider e Fialho (2000) dizem que independente de qual definição seja a mais apropriada, o aspecto decisivo a ser considerado refere-se ao aproveitamento do ambiente propriamente rural. Destaca-se, contudo, que no período recente a definição do que se entende por este **espaço rural** vêm sofrendo alterações. O crescimento da importância das atividades não agrícolas fez diluírem as relações de identificação rural com a atividade agrícola. Entretanto, associa-se o ambiente rural com qualidade de vida.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

O meio rural também vem incorporando aspectos relacionados ao lazer e ao lúdico. Este panorama, em grande medida, contribui para a redefinição de percepções simbólicas da população urbana. Essas novas atividades também têm sido representadas como fonte de renda complementar para muitas famílias que antes dependiam exclusivamente dos setores primários da economia. Assim, novas possibilidades contribuem para a fixação de populações em áreas ou regiões que possam lhe oferecer melhor oportunidade e condições de vida (SCHNEIDER, FIALHO, 2000). Afirma Santos (2004) que essas atividades podem auxiliar na conservação do patrimônio natural e do cultural nas regiões. Nesse aspecto, concebe-se o desenvolvimento como algo mais profundo que o simples crescimento econômico, preservando as identidades e os potenciais locais e regionais. A prática do turismo no espaço rural possibilita ainda a proliferação de atividades em áreas que, de outra forma, seriam consideradas improdutivas. Passa-se, dessa maneira, a exercer um importante papel na dinamização da economia da região. Entretanto o seu entendimento perpassa a compreensão dos seus valores simbólicos (BUTLER, HALL, 1998) e no reconhecimento do meio rural como local de consumo do ambiente, do patrimônio e do lazer (URRY; LASH, 1995).

Observa-se na área rural um aumento da oferta, e de interesse, ao lazer. (GRAZIANO DA SILVA; DEL GROSSI 1999). Estes pressionam a criação de meios alternativos à vida no campo, por pessoas oriundas da cidade. Destacam-se, como consequência, a ampliação das possibilidades de trabalho para a população rural e uma maior aproximação e integração de sistemas produtivos distintos. Tal relação pode resultar na manutenção de paisagens culturais peculiares, que não somente sirvam a fins turísticos, mas também, à própria manutenção da memória da comunidade em questão e da sociedade em geral, colaborando para a coesão de grupos, entre outras possibilidades.

Uma localidade, ao ser incorporada a um destino turístico, exige atenção à alguns pontos. Muitos atores, envolvidos no seu desenvolvimento, enfatizam os aspectos econômicos, financeiros e de *marketing*, pouco observando os aspectos específicos do território, os construtivos, de infra-estrutura, de avaliação imobiliária e a questão da concorrência (CÉSAR; STIGLIANO, 2000).

Dessa maneira, o planejamento deverá contribuir para, entre outras questões, resguardar e harmonizar a paisagem, como patrimônio, tanto para o bem estar da população como para a manutenção da atividade turística. Essa “volta ao campo” deve ser controlada de forma a assegurar que alguns erros do passado, como a criação de espaços altamente especulativos e sem planejamento, não se repitam nos dias de hoje. Outra questão que precisa ser levantada é a escolha do proprietário em maximizar o lucro, desgastando o ciclo de vida de seus atrativos e, conseqüentemente, do produto turístico. Fatores como capacidade da carga e impactos ambientais devem ser analisados nas áreas turísticas, para que a otimização do lucro não signifique a deterioração dos recursos (STIGLIANO; CÉSAR, 2011, p.239).

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Espera-se também que o patrimônio cultural seja relacionado às suas expressões de identidades. Este não deve ser compreendido como algo estático, mas como uma referência dinâmica que precisa ser, constantemente, apropriada e reformulada em função das experiências de um passado ainda vivente no presente e que baseia o futuro. Situação que deve ser pensada também acerca da paisagem.

## A paisagem e a abordagem cultural

Numa relação concreta, a paisagem é recurso frequente usado nas atividades turísticas. Desta maneira, o seu uso, a longa data, esta sendo “explorada para fins econômicos e como instrumento de venda de mercadorias de todo tipo” (SCHERER 2002, p.92), seja para eventos, negócios, turismo, espetáculo de massa, etc. Entretanto, afirma Santos (2004) que a paisagem esta no campo visual. Nesta linha, o materialismo histórico distanciou por décadas de um maior entendimento. Porém:

A emergência de uma *nova* geografia cultural é parte de uma resposta intelectual muito mais ampla ao colapso das fronteiras intelectuais herdadas dentro da academia, e a um trabalho crescente de flexibilidade teórica e empírica que alguns rotulariam de *pós-moderna*.” (COSGROVE, 1999, p.19).

Para o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1980; 1983), as pessoas e os lugares desenvolvem uma relação de imagem e percepção, onde o espaço é percebido por características visuais, sonoras e táteis. Importante observar que Tuan (1983) conceitua imagens como o resultante de estímulos ambientais, que podem, inclusive, surgir involuntariamente. Espera-se posicionar conceitos que superem as antigas lógicas, atribuindo novos estatutos a paisagem. Desta maneira:

A nova orientação das pesquisas sobre a diversidade parte dos homens, e não mais dos lugares: a grande preocupação é inventariar todas as facetas da experiência que os homens têm do espaço. Isto começa pela exploração do papel que o corpo e os sentidos desempenham em suas relações com o meio ambiente. Em seguida, trata-se de analisar as categorias mentais que as pessoas constroem para organizar suas experiências. A última etapa consiste em desenvolver novos instrumentos para explicar a natureza dos grupos sociais e suas formas de organização espacial. (CLAVAL, 2001, p.61)

A paisagem não é somente uma resultante no campo da imagem do sujeito. A ela se atribuem valores dos testemunhos das transformações da sociedade e do ambiente. Assim, ao reconhecer seus valores nas identificações dos recursos físicos, com suas possibilidades diversas, compreende melhor ao serem incorporadas como sínteses das transformações da sociedade. Desta maneira, podemos considerar as bases materialistas e as da percepção (CORREA, 1999) para

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

o entendimento da paisagem. O seu simbolismo é recurso de artes diversas, como o cinema e a arquitetura, e contrapõem seu valor residente na relação entre o sujeito e o objeto (BERQUE, 1998). Afinal, “as paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significados” (COSGROVE, 2004, p.121).

## **Vale dos Vinhedos: caracterização do objeto da pesquisa**

Identifica-se no Vale dos Vinhedos a complexidade horizontal, nos grandes complexos de produção vitivinícola. Estes, criados de estruturas tradicionais de empresas familiares, transformaram agregando tecnologia e novas técnicas ao processo agrícola. Assim, surgem grandes empresários que não vivem mais ligados à produção de suas terras, mas sim do capital que estas geram sazonalmente.

Ainda hoje é possível identificar no Vale dos Vinhedos a convivência entre as técnicas mais remotas de vitivinicultura, herdadas dos primeiros colonizadores, com as mais modernas tecnologias a serviço da indústria local. Porém, os pequenos produtores que conservam as técnicas de cultivo e produção aprendidas com os fazeres de seus antepassados, convivem com empresas, com novos processos produtivos e de comercialização de vinhos e de outros derivados da uva. Todos esses elaboram um complexo sistema que resulta em formas e estruturas urbanas e arquitetônicas específicas. Essas se engendram na dinâmica da visitação, definindo e reconfigurando novas reproduções territoriais e paisagísticas. Nelas, “suas ideologias, limitações e oportunidades das técnicas, naturezas e condições diversas são as condições que definem o atrativo cultural dos roteiros de visitação da Serra Gaúcha” (CÉSAR, 2010, p.151).

Na região do nordeste do Rio Grande do Sul, a ocupação por imigrantes, predominantemente de origem italiana a partir do final do século XIX, define marcadamente as especificidades do lugar. Assim, Bento Gonçalves (RS), Monte Belo do Sul (RS) e Garibaldi (RS) apresentam atrativos de visitação turística com tal apelo. Nesses municípios, a memória italiana e da sua imigração, se reproduz material e imaterialmente. A uva e o vinho destacam-se como parte do patrimônio e memória desse povo. Nesta região observa-se uma grande densidade de valores memoriais. Os saberes e fazeres do imigrante caracterizam o lugar. As condições físicas redefinem em território com suas múltiplas especificidades.

O interesse pela “defesa do passado” conjuga-se, a meu ver, com a construção do ambiente (lugar e território) onde se desenvolvem modos de vida diferenciados, muitas vezes contraditórios entre si. Por essa razão, esse processo se estrutura em torno de intensa competição e luta política em que grupos sociais diferentes disputam, por um lado, espaços e recursos naturais e, por outro (o que é indissociável disso), concepções ou modos particulares de se apropriarem simbólica e economicamente deles (ARANTES, 1984, p.9).

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Facilmente observa-se a manifestação do assentamento da imigração na Serra Gaúcha, em suas configurações físico-territoriais. Sua distribuição agrária, em lotes coloniais, do final do século XIX, torna-se testemunha de todo um processo de reprodução no espaço. Nele, distribuem inclusive “marcos físicos (monumentos, museus, exposições, comemorações), que facilitam sua perpetuação na memória popular” (DURHAM, 1984, p.33). De certa forma, a atividade de visitação vem ao encontro da:

[...] defesa e valorização (social e comercial) de áreas que vão sendo preservadas e, gradativamente, incorporadas (ou, às vezes, reincorporadas) às faixas mais altas do mercado, recebendo população de classe média e alta como residentes, veranistas ou turistas eventuais (ARANTES, 1984, p.8).

Assim, preservam-se referências espaciais, afinal “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p.3). Esses fragmentos, muitas vezes, adquirem novos valores para promoverem representações hipotéticas de realizações que se distanciam de uma realidade vivida e se aproximam de fantasias ao turista. Entretanto, o reconhecimento de alguns de seus valores é necessário para um turismo com respeito às condições sociais e culturais.

A conservação é uma formulação social. A sua definição está associada à ideia de manutenção de um respectivo bem. Assim, realizou-se uma longa caminhada entre práticas e formulações conceituais. O reconhecimento da necessidade da manutenção da paisagem cultural perpassa o entendimento de técnicas e recortes estabelecidos.

Desde tempos remotos reconhecem-se os valores de coisas diversas, como patrimônio para a comunidade, uma região, a nação. Sua formulação conceitual atravessou todo o século passado. Assim, “duas teorias distintas e conflitantes sobre a conservação de monumentos históricos foram elaboradas no século XIX, respectivamente, na França e na Inglaterra: a de Viollet-le-Duc e a de John Ruskin” (FONSECA, 2005, p.62). Desde então, muito se tem agregado, praticado, conceituado, porém seus matizes se voltam para as formulações desses intelectuais. Com a sua institucionalização, realiza-se um “processo de seleção e de valorização” (FONSECA, 2005, p.30), agregando elementos históricos, artísticos, de identidade e atualmente o ambiental, entre outros. Desta maneira, a manutenção de um bem resulta em uma série de acordos, explícitos ou não, para a sua escolha e conservação. Neles, agregam-se um arcabouço de valores simbólicos que retratam as representações sociais e culturais do bem.

No Vale dos Vinhedos, a paisagem configura-se a partir da apropriação territorial, por uma lógica pautada na produção vitivinícola, pela sociedade local. Esta complexidade de construção do caráter imagético envolve a questão identitária do local. Desta condição, como afirmam Araujo e Haesbaerth (2007) à identidade da sociedade configura por suas dimensões históricas e geográficas. Assim, como resultante carregam-se as paisagens de significados que aumentam sua atratividade para o turismo, chegando a ser o motivo principal do fluxo turístico de alguns destinos.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

O reconhecimento social da paisagem como patrimônio é recente, embora desde o período renascentista, por exemplo, relaciona-se a sua valoração, entre tratados e pinturas. No campo conceitual deve-se pensar na sua constituição como reconhecimento de fatores sociais que envolvem no seu controle e manutenção. Entretanto, sabe-se que muitas vezes pode-se encontrar dificuldade em referenciar um elemento da paisagem que sobressaia. Tal questão aponta para o que Simmel (1996, p.21) configura como uma atmosfera da paisagem: “ela penetra todos os detalhes da mesma sem que se possa tornar um só deles responsável por ela: cada um participa de uma maneira pouco claramente definida - mas ela não existe mais exteriormente a esses aportes como se não se compõe da sua soma”. Nela, a subjetividade e a afetividade engendram com seus valores e estatutos físicos do espaço e causam um efeito sobre o sujeito, cujos estímulos são adicionados e se traduzem na percepção sobre a paisagem. Essa característica a faz impar.

A paisagem associa a um discurso específico: como a das áreas de produção de vinho com aspecto de um Brasil europeu. Assim, o seu reconhecimento transcorre no desdobramento da temática que a sustenta. Embora, espera-se reconhecer os estatutos memoriais onde:

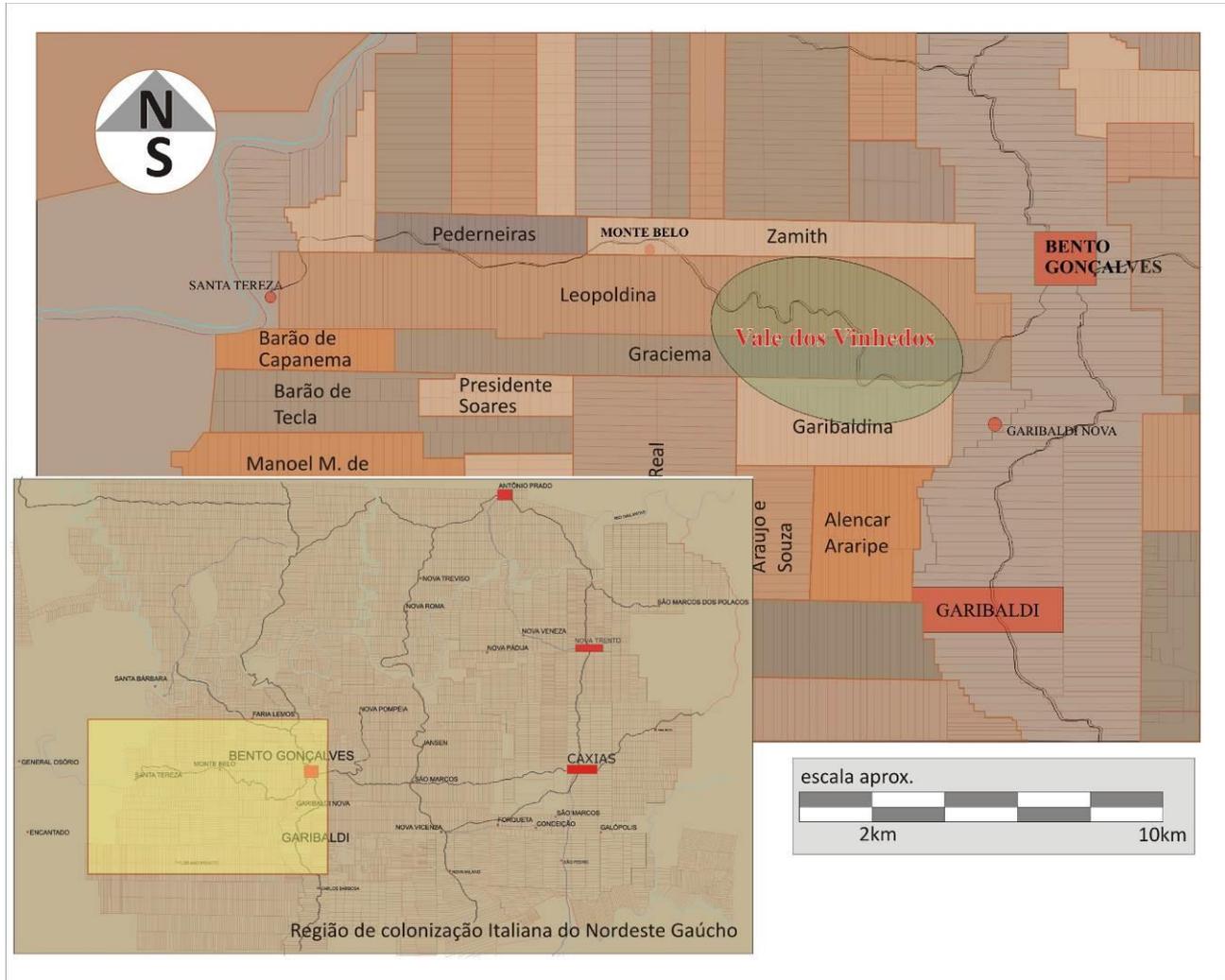
A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. (HALBWACHS, 1990, p.81-2)

Porém, interesses de grupos hegemônicos são reforçados e incorporados a esta condição memorial do morador local. Realiza-se, muitas vezes, uma formulação contraditória tendo em vista que: “as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras” (HALBWACHS, 1990, p.133).

A construção espacial e paisagística do Vale dos Vinhedos tem início utilizando-se da experiência acumulada nas demarcações de assentamentos germânicos, inicia a demarcação de colônias para os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. As colônias tinham como tipologia básica a divisão em linhas ou travessões, que eram estradas retilíneas abertas para o acesso dos imigrantes aos seus lotes (Fig.01). Os lotes rurais se desenvolviam ao longo desta estrada, tendo, em média, 250m de frente por 1.000m de fundos. Estes lotes faziam divisa com os fundos de outros lotes rurais, da próxima linha ou travessão. Os imigrantes eram assentados nestas áreas rurais, pelos quais deveriam pagar (DE BONI E COSTA, 2000).

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul



**Figura 1: Mapa da divisão de lotes rurais da linha Graciema e Leopoldina, atual Vale dos Vinhedos.**  
FONTE: Elaborado pelo Autor, 2013.

A ocupação destas propriedades rurais, numa primeira fase, atendia basicamente a uma tipologia em comum. O imigrante iniciava o desmatamento para que se possibilite a construção de residências e para o plantio de subsistência. O cultivo das videiras foi numa segunda etapa, como um diferencial produtivo, aproveitando a expertise do colono com a vinificação.

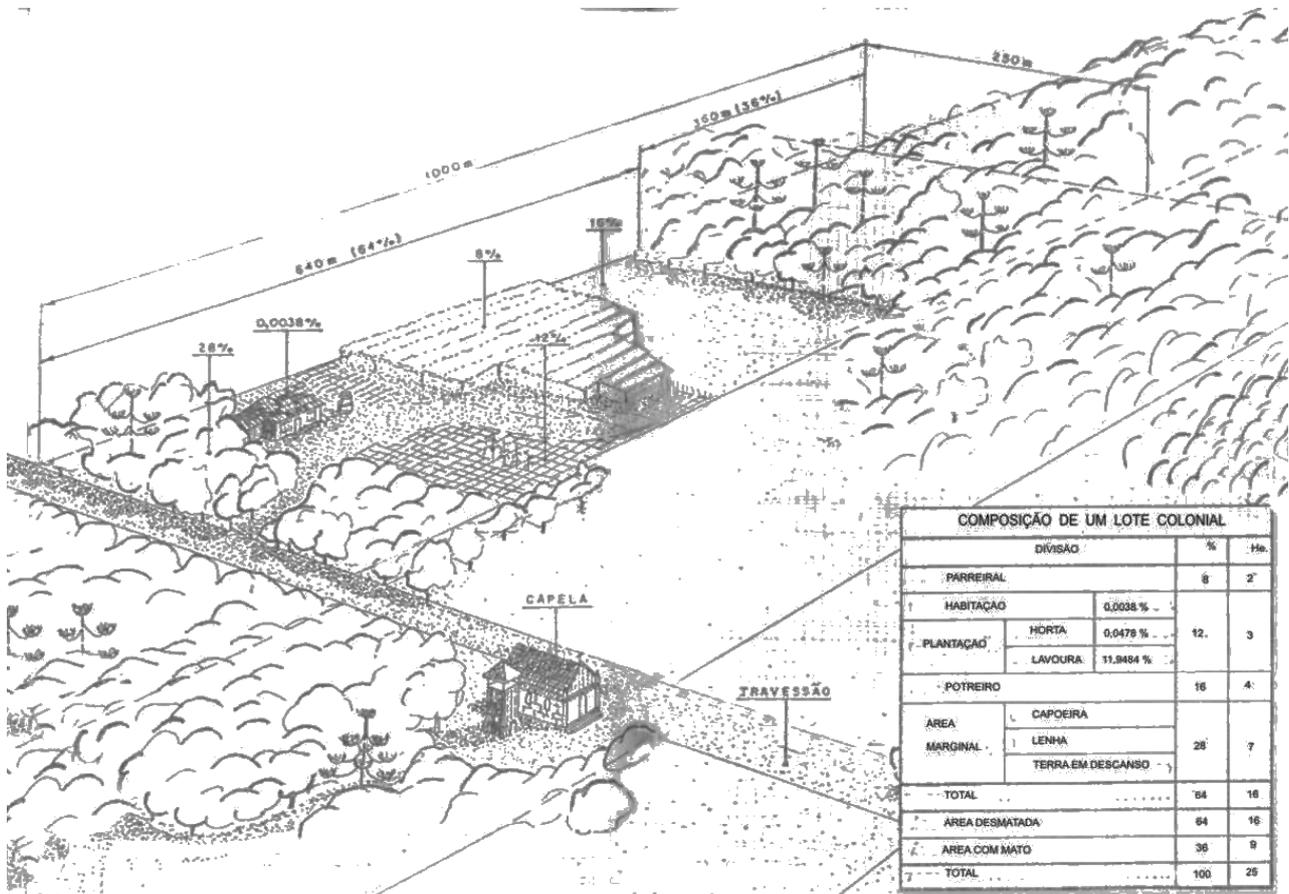
No Vale dos Vinhedos, a paisagem resulta da apropriação territorial do espaço, por uma lógica pautada na produção, primeiramente agrícola de subsistência e gradativamente transformando-se para vitivinícola, pela sociedade local.

Pode-se depreender, pela análise visual desta configuração (Figura 02), que a paisagem do Vale dos Vinhedos, nesta primeira fase produtiva, não tinha como destaque principal as extensas plantações de videiras, que hoje encantam os seus visitantes. A produção mais diversificada e a

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

baixa densidade de ocupação proporcionavam vistas a um verdadeiro mosaico compositivo, que mesclava as videiras, as plantações de milho e trigo, hortaliças, poteiros e a vegetação nativa.



**Figura 2: Ocupação padrão do lote rural pelo imigrante italiano no RS.**  
Fonte: NASCIMENTO, 2009.

Rapidamente, porém, o colono percebe um diferencial no vinho que produzia para seu próprio consumo. A não existência de uma grande concorrência nacional soma-se com a chegada da linha férrea na década de 1910, contribuindo para estimular o seu escoamento e permitir acesso a mercados consumidores da capital. A área plantada de videiras cresce, inclusive suplantando outras culturas.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul



**Figura 03: Produção do vitícola na Serra Gaúcha (c. 1959) com videiras em primeiro plano.**

Fonte: IBGE, 2013

A produção vitivinícola da região da Serra Gaúcha aumenta. Assim, os produtores começam a se organizar em cooperativas como forma de qualificarem os produtos e acessarem um mercado consumidor mais abrangente. A manufatura artesanal do vinho para o consumo próprio começa a dar lugar à industrialização, e conseqüentemente a paisagem vitícola também se altera.



**Figura 4: Propriedade rural com videiras e outras frutíferas (c. 1959).**

Fonte: IBGE, 2013.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

As videiras começam a se multiplicar pelas encostas, alterando a diversidade dos mosaicos dessa paisagem. Neste período, estas arbustivas eram conduzidas, principalmente, no plano horizontal, de maneira a formar um teto de onde pendem as frutas. Este sistema de condução é conhecido no meio agrícola como **Latada**. O resultado visível derivado de tal prática são os vinhedos contínuos, como uma grande tessitura que por vezes é interrompida por um remanescente de mata nativa, entre outras árvores, plantadas nas bordas para servirem de suporte aos parreirais. Esses definem-se como elementos constituintes da paisagem vitivinícola característica da Serra Gaúcha.



**Figura 5: Videiras conduzidas pelo sistema Latada.**

Fonte: Autor, 2013.

No decorrer do tempo, a produção vitivinícola do Vale dos Vinhedos se qualifica e se diversifica, tendo a introdução de novas cepas. Porém um fator externo pode ter contribuído sobremaneira para a qualificação da produção e principalmente para a ambientação cênica do Vale dos Vinhedos. Este fator é a abertura do mercado interno brasileiro aos vinhos importados, ocorrido na década de 1990 (VALDUGA, 2007). A concorrência com áreas vitícolas mais desenvolvidas e amadurecidas, principalmente do Chile e da Argentina, corrobora uma mudança de paradigma para a produção local. Surge a necessidade de qualificar a produção do vinho, para manter o público consumidor que se torna mais exigente.

A organização do setor vitivinícola local aumenta a competitividade com algumas novas características. Assim, busca-se configurar territórios definidos para produção – *terroir*, associado a melhor qualidade produtiva. Essas se referem, inicialmente, a Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos (IPVV) (DALCIN, 2008), concedidos em 2002, e posteriormente a de Denominação de Origem (DO), alcançada em 2012 (APROVALE, 2012). Sua implantação marca os trabalhos da Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE), e reforça a intensão de agregar valor ao produto. Nela define-se um perímetro em função de fatores como

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

solo, clima, relevo, insolação, produção vitícola, entre outros, como forma de abranger um território com características agrárias semelhantes. Dentro deste território são estabelecidos critérios de produção para os vinhos finos, tais como variedades de videiras, produção máxima por hectare plantado, entre outros. Agrega-se a incorporação de novas técnicas produtivas à associação de novas reproduções imagéticas. Desta maneira o vinho adquire valores que se sobrepõem a simples atividade agrícola. Na conquista e manutenção de mercados, a valorização de uma imagem, com características associadas aos parreirais europeus (MARTIN, 2006a; 2006b), torna-se recurso para a prática do enoturismo.

A partir destas definições, a forma de plantio das videiras vem sendo, pouco a pouco, alterada, para o sistema conhecido como **Espaldeira**. Neste sistema, as videiras são conduzidas verticalmente, tendo como resultado formal, extensas linhas (Figura 06).



**Figura 6: Videiras conduzidas no sistema Espaldeira.**

Fonte: Autor, 2013.

O parreiral, na forma tradicional (latada) associa-se a valores memoriais. Conforme observa-se, através de diversos depoimentos, esta nova configuração produtiva, em substituição à tradicional, embora agrade aqueles moradores com uma relação local e regional com este setor, estes não associam à sua identidade. Assim o Vale dos Vinhedos caracteriza como um produto turístico, com valores que atendem diversas demandas turísticas. Entretanto, na visitação, incorporam-se dois valores historicamente conflitantes: a imigração italiana, associada ao módulo agrário de uma agricultura familiar e com produção vinífera pelo processo de condução Latada, contrastando a capitalista empresa vinícola, com acentuada aglutinação fundiária e produzindo uvas no modo Espaldeira.

A paisagem resultante deste processo de renovação produtiva pode ser identificada como globalizada, remetendo e se assemelhando a vinhedos mundo a fora. As características identitárias, construídas sobre a mítica saga do imigrante italiano, estão sendo, pouco a pouco, apagadas do cenário do Vale dos Vinhedos. Para o turista, esta realidade não se apresenta, pois a

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

identificação é diretamente com a parreira e com o vinho produzido, mas para os moradores locais, em sua maioria, não se identificam com essa nova ordem produtiva.

## **Considerações finais**

Nesta parte da pesquisa, apontada neste artigo, busca-se apresentar uma relação entre paisagem cultural, sua manutenção visual e sua apropriação espacial urbana e turística. O Vale dos Vinhedos destaca-se como a mais importante atração do produto turístico Bento Gonçalves (RS) e o principal destino de enoturismo do país. Sua condição peculiar justifica o entendimento deste importante atrativo turístico.

O Vale dos Vinhedos refere-se a um atrativo turístico e cultural, uma área produtiva e a equipamento turístico específico. No local algumas realidades são encontradas: uma grande densidade histórico-cultural associada à colonização europeia, especificamente da península itálica; uma referencia nacional de produção de vinhos e outros derivados da uva; uma diversidade de ocupação urbana (de condomínio de luxo a expansão da periferia de baixa renda) e; a existência de grupos econômicos divergentes, entre o agricultor familiar do local e o grande empreendedor envolvido com a atividade turística.

De certa maneira, o cenário retrata uma paisagem bucólica. Esta condição esconde a complexidade dos arranjos sociais e produtivos e seus diferentes territórios constituindo, e sobrepondo, competindo e definindo a paisagem. Assim, a valorização de um vista de parreirais, reforça a produção e relocando a agricultura familiar típica desta parte da antiga colônia agrícola. A capela, o travessão, o sobrado de pedra basáltica e tabuas de madeiras, o lote colonial não representa a representão paisagística dos grupos de interesse no enoturismo. As cores das folhas d uva nos parreirais, marcantes nos ciclos das estações climáticas, formando ondas de fileiras de vinhedos sobressaem ao cotidiano da agricultura de subsistência, com a venda de um excedente de uvas e vinhos. As marcas corporativas das indústrias vinícolas relacionam seus vinhos, sucos e espumantes definindo como produto desta região e agregando valores para diferenciar produtos na busca de mercados internacionais. A paisagem idealizada do local reproduz-se como imagem de propaganda dos produtos da vinícola nacional.

O Vale dos Vinhedos se estabelece como paisagem cultural. Nela agrega-se, como recorte a esta categoria, uma representação específica. Seu estatuto, entretanto, valora o atrativo, possibilitando novos usos, agregando valor ao enoturismo.

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

## Referências Bibliográficas

- APROVALE. (2012). Indicação Geográfica. Disponível em: <<http://www.valedosvinhedos.com.br/vale/conteudo.php?view=96&idpai=132>> Acessado em 22 de janeiro de 2013.
- ARANTES, A. A. (1984). Prefácio. In: ARANTES, A. A. (Org.). *Produzindo o Passado. Estratégias de construção do patrimônio cultural*. Brasiliense: São Paulo, pp. 7-10.
- BERQUE, A. (1998). Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: R. L. Corrêa et al. (Org.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EdUERJ, pp. 84-91.
- BESSIÉRE, J. (1998). Local development and heritage: traditional food and cuisine as tourist attractions in rural areas. *Sociologia Ruralis*, v. 38, n. 1, pp.20-34.
- BOSI, E. (1994). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras.
- BUTLER, R. H.; HALL, C. M. (1998). Image and reimagining of rural areas. In: BUTLER, R., HALL, C.M.; JENKINS, BUTLER, R. H.; HALL, C. M. (1998). Image and reimagining of rural areas. In: BUTLER, R., HALL, C.M.; JENKINS, J. (Eds.). *Tourism and Recreation in Rural Areas*. Chichester: John Willey&Sons , pp. 115-122.
- BUTLER, R.W. Understanding Tourism. In: JACKSON, E. L., BURTON, T.L. *Leisure Studies – Prospects for the Twenty-First Century*. Pennsylvania, EUA: Venture, 1999, pp. 97-101.
- CAMPANHOLA, C. & SILVA, J. G. (2000) *O novo rural brasileiro: uma análise estadual – Sul, Sudeste e Centro Oeste*. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente.
- CÉSAR, P. de A. B.; STIGLIANO, B.V. (2000). Uma nova ruralidade brasileira. *Revista Perspectivas Rurales Pobreza y Nueva Ruralidad*, San Jose, Costa Rica, v. 4, n. 2, pp. 107-122.
- CÉSAR, P.A.B.; CAON, D.; MONTEIRO, J.S.; MARCON, R. (2010). Roteiros culturais da migração italiana: museus memoriais ao ar livre. In. *Seminario De Investigación En Museología De Los Países De Habla Portuguesa Y Española*. Buenos Aires. Universidade do Porto, pp.146-156.
- CLAVAL, P. (2001). O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, pp.35-86.
- CORRÊA, R. L. (1999). Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, pp.49-58.
- COSGROVE, D. A (2004). Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Paisagem, tempo e cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- COSGROVE, D. A. (1999). Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp.17-48.
- DALCIN, M. S. (2008). *Vale dos Vinhedos: História, Vinho e Vida*. Porto Alegre: Gráfica Pallotti.
- DURHAM, E. R. (1984). Cultura, patrimônio e preservação. Texto II. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.). *Produzindo o Passado. Estratégias de construção do patrimônio cultural*. Brasiliense: São Paulo. pp. 23-58.
- EAGLES, P.F.J., MCCOOL, S.F., HAYNES, C. (2002). *Sustainable Tourism in Protected Areas: Guidelines for Planning and Management*. Gland, Switzerland: IUCN.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

- FERRÃO, J. (2000) Relações entre o mundo rural e o mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. *Sociologia problemas e práticas*. Nº 33. Disponível em: <<http://sociologiapp.iscte.pt/index.jsp>>. Acesso em 12 de junho de 2012.
- FEYERABEND, P. (1977). *Contra o método: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento*. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- FONSECA, M. C. L. (2005). *O patrimônio em processo*. 2ed. EdUFRJ, Minc, Iphan, Rio de Janeiro.
- GRAZIANO DA SILVA, J. (1999). *O novo rural brasileiro*. Campinas: UNICAMP, IE (Coleção Pesquisas, 1).
- GRAZIANO DA SILVA, J., DEL GROSSI, M. E. (1999). O novo rural brasileiro: uma atualização para 1992-98. *Projeto Rurbano*. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/projet/urbano.html>>. Acessado em 02 de setembro de 2012.
- HALBWACHS, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- KING, N. (1995) The Qualitative Research Interview. In: CASSEL, C.; SYMON, G. (ed.). *Qualitative Methods in Organizational Research, a Practice Guide*. Londres: Sage Publications.
- LEFEBVRE, H. (1986). Perspectivas da Sociologia Rural. In MARTINS, José de Souza. (Org). *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec, pp.163-190.
- LEROY, J-P. (1997). Da comunidade local às dinâmicas microrregionais na busca do desenvolvimento sustentável. In: BECKER. B.; MIRANDA, M. (orgs.). *A geografia política do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- LOCKE, L. F.; SPIRDUJO, W. W.; SILVERMAN, S. J. (1993). *A Guide for Planning Dissertations and Grant Proposals*. 3ª ed. California, EUA: Sage Publications.
- MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. B. (1995). *Designing Qualitative Research*. 2ª ed. California, EUA: Sage Publications.
- MARTIN, F.O.G.; 2006a. *Las rutas del vino en el mundo: America del Sur*. Ciro, Madri.
- MARTIN, F.O.G.; 2006b. *Las rutas del vino en el mundo: Francia*. Ciro, Madri.
- RODRIGUES, A. B. (2001). Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) *Turismo rural*. São Paulo: Contexto , pp.101-116.
- SANTOS, C. A. de J.; CAMPOS, A. C. (2003), Estratégias para o desenvolvimento sustentável do turismo. In: CORIOLANO, L. N. M. T.; LIMA, L. C. *Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental*. Fortaleza: EDUECE.
- SANTOS, E. O. (2004). *O agroturismo e o turismo rural em propriedades da metade sul do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Pallotti.
- SANTOS, M. (1994). *Metamorfoses do espaço habitado*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, M. (2004) *A natureza do espaço*. 4ª ed. São Paulo: Edusp.
- SCHERER, R. (2002). Paisagem urbanística, urbanização pós-moderna e turismo In. YÁZIGI, Eduardo. *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, pp.83-106.
- SCHNEIDER, S. & FIALHO, M. A. V. (2000) Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, J. A., RIEDL, M. (org.). *Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru.

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

- SCHNEIDER, S. (2006). Turismo em Comunidades Rurais: inclusão social por meio de atividades não-agrícolas. In: Brasil, Ministério do Turismo. (Org.). *Turismo Social: Diálogos do Turismo: Uma Viagem de Inclusão*. Rio de Janeiro: IBAM, v. 1, pp. 1-20.
- SIMMEL, G. A. (1996). Filosofia da paisagem. *Revista Política e Trabalho*, n.12, p.15-24.
- STIGLIANO, B.V. & CÉSAR, P. A. B. (2011). Paisagem cultural e turismo rural> aportes para o roteiro Estrada do Imigrante/RS *Revista Rosa dos Ventos*. Universidade de Caxias do Sul, jul. 2011, vol. 2 n. 2, pp. 236-246.
- TUAN, Y. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel.
- TUAN, Y. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- TULIK, O. (2003). *Turismo rural*. São Paulo: Aleph.
- UNESCO. (1999) *Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention*. Paris: World Heritage Centre, WHC-99/2.
- URRY, J.; LASH, S. (1995). *Economies of signs and space*. Thousand Oaks, CA: SAGE.
- VALDUGA, V. (2007). O Processo de desenvolvimento do Enoturismo no Vale dos Vinhedos. Dissertação (Mestrado)-Caxias do Sul, UCS.